

APRESENÇA DO *BANDIDO* EM SEU LOCAL DE MORADIA: MEDO E IDEALIZAÇÃO DE UM ANTI-HERÓI

Olegna de Souza Guedes¹

Resumo

O texto tem como tema central a análise da imagem do bandido no bairro onde reside. Reflete sobre construção desta imagem, pela via do anti-herói que se torna, como os representantes do poder público local, um depositário do respeito dos moradores. Figurando no bairro como uma autoridade, o bandido pode tornar-se modelo de vida para crianças e adolescentes que se congratulam, ainda que pela via do medo, com a sua fama. O entendimento desta realidade é uma das premissas para o trabalho sócio-educativo que deve incluir, entre seus objetivos, a prevenção à delinquência.

Palavras-chave: imagem, representação social, bandido, anti-herói, medo.

Introdução

Meu objetivo, neste texto, é apontar eixos teóricos a partir dos quais é possível entender a imagem que os moradores da periferia de centros urbanos constroem em torno da figura do bandido² com os quais mantém a relação vizinhança. Esta imagem é uma das mediações que se evidenciam na dinâmica de

¹ Assistente Social, professora do Departamento de Serviço Social da UEL, licenciada em Filosofia pela USP-SP, doutoranda em Serviço Social pela PUC-SP.

² A escolha desta expressão está vinculada a seu uso no cotidiano dos moradores do bairro (Jd. Vazame – Embu – SP). Nesse local, é uma expressão utilizada para referir-se a sujeitos que cometem pequenos furtos ou assaltam com o auxílio de armas de fogo e que, muitas vezes, cometem homicídios.

reprodução da violência manifesta³ que tem, entre seus principais protagonistas: adolescentes, jovens. Entendê-la, é vislumbrar possibilidades para implementação de trabalhos sócio-educativos voltados para sua diluição, o que contribui para interromper sua tendência à cristalizar-se no cotidiano dos grandes centros urbanos.

A partir da hipótese de que a imagem do bandido pode ser associada à de um anti-herói da periferia, desenvolvi minhas reflexões, num primeiro momento, a partir de observações empíricas sobre as relações entre os moradores e os bandidos no Jd. Vazame. A referência para estas observações era o meu cotidiano de trabalho na Casa da Juventude do Jd. Vazame⁴. Em seguida, estudei autores que discutem sobre o herói, a necessidade da fama e a hierarquização da sociedade brasileira que orbita em torno da figura de personagens “fortes” aos quais os fracos devem obediência. Finalizando, relato, ainda que sumariamente, uma experiência de trabalho sócio-educativo voltado ao rompimento de uma das mediações que figuram na dinâmica de reprodução da violência: a idealização em torno da figura do bandido.

³ O termo violência manifesta é empregado por KOWARICK e ANT (1982), para identificar as práticas de violência que se traduzem em crimes, assaltos e outras formas visíveis em nosso cotidiano. A vulgarização desta violência oculta, segundo estes autores, é outra forma de violência: a latente (situação precária dos meios de transporte coletivos, a ausência de saneamento básico, condições precárias de empregabilidade e moradia) da qual muitas vezes, nos alienamos.

⁴ A Casa da Juventude era um programa vinculado à Secretaria de Promoção Social do Município da Estância Turística do Embu-SP, município que em suas maiores zonas periféricas é circunvizinho de São Paulo e Taboão da Terra. Este programa atendia, cerca de 350 crianças e adolescentes em atividades sócio-educativas, conforme opção e necessidade da demanda.

A Convivência dos Moradores com o Bandido: observações empíricas

O bairro Jd. Vazame que figura como extensão da periferia de São Paulo, pode ser caracterizado, a um primeiro olhar, pela paisagem cinzenta da autoconstrução e por altos índices de violência. Seus moradores, em sua grande maioria na busca da casa própria, fixam residência e solidificam a vida familiar concomitantemente à dificuldade de aprender a conviver com a violência manifesta, assaltos e crimes, freqüentes no bairro.

No Jd. Vazame, pelas manhãs, enquanto dirigia-me para a Casa de Juventude, observava que as mulheres subiam as ladeiras rumo ao mercado, as lavadeiras já enchiam os varais, as bancas de *jogo do bicho* já recebiam seus primeiros sonhadores. O bairro estava acordado num ritmo lento. Os trabalhadores com empregos fixos já não estavam mais no local, as crianças ainda não exibiam a energia do corre-corre. As mulheres, mães, ainda não gritavam pelos filhos, mas já exibiam seus olhares ariscos. Observava, também, que enquanto caminhava, os olhares dos moradores me perscrutavam de tal forma que a rua se transformava em passarela. Era como se eu não pertencesse àquele trajeto e estivesse desfilando aos olhos de seus donos.

A alteridade da minha presença neste bairro levou-me a observar a imagem que os moradores tinham a meu respeito e a imagem que tinham de si próprios. Envolvendo-me com estas observações não demorei a descobrir um estranho binômio – familiaridade e tensão – associado às figuras do vizinho e do *bandido*. Preocupada com o trabalho da Casa da Juventude que não poderia seguir alheio à violência que se observava no bairro, priorizei meu olhar para um dos pólos dessa relação: o bandido.

Os bandidos, no Vazame, figuravam sobretudo, como os *donos da noite*. Após determinado horário não era prudente sair de casa: “*de dia passo na frente do bandido, à noite é diferente, é muito arriscado(...) quando vou a festa eu nem volto, tenho medo,*

*durmo na casa de amigos*⁵. A rua que, durante o dia, era uma das grandes referências das crianças, à noite tornava-se o local do perigo. As crianças do bairro, com as quais tivemos oportunidade de conversar, expressavam esta realidade com muita clareza. Porém, dentre todas estas crianças, uma me chamou muito a atenção porque teve coragem de falar que não gostava dos bandidos na redação que fez sobre o bairro, mas ao assiná-la, usou o pseudônimo: “*alguém que ainda sonha com uma vida melhor*”. Esta criança (10 anos) dizia: *Gosto muito do meu bairro, da minha rua. Lá eu brinco com meus colegas...tem o tempo das bolinhas de gude, o tempo dos peões, a temporada do io-io. Eu gosto mesmo é da temporada de pipas, cada pipa mais bonita que outra. Mas tem coisa de desanimar qualquer pessoa. Os roubos que se executam quase todos os dias. Os assassinatos que matam sem saber quem é quem, os maconheiro, etc. Eu queria poder fazer alguma coisa...*”.

Assaltar, andar armado e cumprir ordens dos bandidos, para os que estavam no começo da adolescência, aparecia como uma oportunidade de passar para a vida de adulto, e, como pequeno adulto era possível ser o mais visível entre todos os adolescentes, o que já o destacava como diferente: “*Os bandidos andam bem arrumados, tudo novinho. Tem uns que tem 13 e 14 anos, mas você olha assim e pensa logo que tem uns 17 e 18 anos. Parece que eles têm mais idade pela feição deles. São folgados, cheio de querer ser. É diferente passar perto deles do que de outra pessoa. Você nunca sabe o que eles são capazes de fazer*”.

A familiaridade com a figura dos bandidos levava alguns adolescentes a sonharem com a fama e, assim, tornavam-se vulneráveis a passar do emprego informal para o mundo dos

⁵ Os depoimentos utilizados neste texto são das crianças e adolescentes que freqüentavam a Casa da Juventude no período em que realizamos as observações que deram origem a este artigo. Há, também depoimentos de funcionários da Casa. Optamos por ocultar os nomes destes sujeitos de pesquisa, para preservá-los.

assaltos e crimes. Conversávamos muito com adolescentes que trabalhavam como *entregadores de pizza* um bairro nobre de São Paulo e, durante o trajeto ao trabalho (no ônibus), vangloriavam-se com as caixinhas recebidas pelos fregueses que consumiam as pizzas e, ao mesmo tempo, admiravam os famosos do bairro: os que, dentre eles (irmãos ou vizinhos), sempre “*saíam ganhando*” nas brigas e “*faziam sempre o que queriam*” sob o imperativo da lei do mais forte. Pareciam estar no limiar entre duas formas de viver: o emprego informal e o assalto e, sob esta condição, tiveram suas vidas encurtadas pela ação dos justiceiros.

Esta violência do bairro ecoava na *Casa da Juventude*. Ouvíamos as crianças e adolescentes falar do último assalto, da última morte, do irmão de sicrano que foi preso, do último que saiu da cadeia, da promessa de vingança que ouviam na esquina. Os funcionários que moravam no bairro também conversavam sobre as “*últimas notícias*” do crime do bairro. A palavra *bandido* era pronunciada com familiaridade e medo, respeito e estranha admiração. Uma criança me chamava a atenção. Era uma menina, 10 anos, com um olhar entristecido, que ficava na Casa da Juventude sem entrar nas *salas de atividade*. Os funcionários alertavam: “- *Não mexe com ela, é irmã de Sapão e Sapinho que estão presos mas que podem aparecer aqui pelo bairro*”. Moviada, sobretudo, pelo olhar desta menina, aproximei-me das famílias dos *bandidos* e, também, de alguns adolescentes que eram considerados *bandidos*. Constatei que a coragem que parecia caracterizá-los era artificial, mas orgulhavam-se da imagem que tinham frente aos moradores do bairro.

Avesso aos padrões de normalidade de uma sociedade hierarquizada, estes *bandidos*, no Jd. Vazame, construíam sua imagem sob a égide do medo e os moradores do bairro os acolhiam com medo e respeito. Era preciso silenciar. Curvar-se frente ao *bandido* era a garantia da segurança de vida. Ao *bandido* já conhecido cabia preservar sua imagem. Observando esta

realidade, o que mais me incomodava era o fato do *bandido* tornar-se uma referência para seus vizinhos, seus familiares e, sobretudo para os irmãos mais novos. O *bandido* era, entre todos, o mais famoso, o que apavorava, mas protegia. Em torno do medo e do orgulho por tê-lo por perto, sua imagem era associada à de um anti-herói que fazia parte da realidade do bairro.

A Construção da Imagem do Bandido: do anonimato ao anti-herói e à fama

Para entender como se constrói a imagem de um anti-herói, busquei uma referência historicamente longínqua, mas que situo como um dos grandes berços do nascimento dos primeiros heróis que se tornam conhecidos na cultura ocidental: a mitologia grega. É pela via do herói que pretendo localizar sua antítese: o anti-herói.

No universo mitológico grego, os heróis eram filhos da união entre os deuses e os homens e poderiam reger, ainda que ameaçados com a fragilidade da herança humana que carregavam, a dinâmica social, os fenômenos naturais, as leis e a harmonia cósmica. Aos heróis se atribuíam ações imbuídas de coragem e astúcia que poderiam, em última instância, assegurar uma existência pacífica. Os mitos apresentavam seus heróis como modelos para a vida humana: assim fizeram os heróis, assim devem fazer os homens. Este ideário mitológico, segundo Vernant (1992) foi ultrapassado com o nascimento da razão, filha da cidade grega.

Vernant destaca a mudança radical que ocorre na estrutura da sociedade grega quando a imagem do rei, senhor de todos os poderes alicerçados por narrativas míticas, é “substituída por funções sociais especializadas que se opõem umas as outras e cujo ajustamento cria difíceis problemas de equilíbrio” (Vernant, 1992, p. 29). Não há mais perspectivas de um poder sobre-humano para interligar estas funções. A *arché* passa a “ser delegada por uma decisão humana, por uma escolha que supõe confronto

e decisão...” (Vernant, 1992, p. 28) e diz respeito à vida de todos os cidadãos. A “*cidade está agora centralizada na Ágora, espaço comum (...) espaço público em que são debatidos problemas de interesse geral*” (Vernant, 1992, p. 33). Estamos diante da cidade Grega e da busca racional por uma lei de convivência. Não se trata mais, como no mito, de buscar fatos primordiais vinculados à façanha e aos atos exemplares dos deuses e heróis, mas conceber os fatos a partir da imagem que se observa no tempo presente. Quando a cidade nasce enquanto espaço coletivo de decisão racional sobre o que é comum a todos, as façanhas dos heróis entram em refluxo.

No Jd. Vazame, distante do centro do município que é a instância onde se tomam as decisões políticas, o espaço público parece inexistente. Na representação de seus moradores, inexistente a noção de cidadania. Nas ocasiões em que procuram um representante político, estes moradores são movidos apenas por interesses individuais que adquirem tons de pedidos, como se não existisse uma esfera de direitos comuns a todos os cidadãos. Contudo, como entender que existem interesses coletivos num cotidiano tão marcado na luta pela sobrevivência da própria família? Sem a perspectiva do coletivo, sem a perspectiva da organização social, os heróis não perdem sua majestade. Criados no imaginário coletivo, os heróis tomam-se álibi frente às angústias da alienação que os sujeitos sofrem mas que sequer sabem nominá-la. Os moradores do bairro, pelas condições materiais de existência que lhes são postas, têm dificuldades de experienciarem-se enquanto sujeitos; abre-se via à sublimação na figura do herói. No caso, como o herói, o que se evidencia por suas façanhas imbuídas de bondade, parece situar-se numa ténue longínqua, os moradores voltam-se, paradoxalmente, para o que parece próximo: o *anti-herói*, é este que aparece como o que pode realizar atos incomuns, inéditos. Falar sobre os bandidos, muitas vezes, afasta a possibilidade de falar sobre suas próprias angústias.

Ao herói abre-se via à esfera do possível. Aos comuns, uns entre o povo, restam adaptar-se às contingências⁶. Admitimos, neste contexto, a formulação de Hobbes (1979) segundo a qual os homens têm necessidade de glória, de reputação, de honra e de fama, ainda que não concordemos com a justificativa hobbesiana que tributa esta necessidade a um suposto estado de natureza, característica primária de todos os homens. Filiamos esta necessidade às condições sócio-históricas de uma sociedade desigual erigida sobre valores ideológicos que passam a impregnar condutas de vida. É por esta chave que as necessidades às quais Hobbes aludia encontram assento no desejo dos homens de nossa sociedade, mas é um desejo que se projeta em torno de quem possa concretizá-los – um herói – sem que se tenha consciência desta dinâmica. Aos homens comuns, como os moradores do Jd. Vazame, resta uma perspectiva de vida quase estoíca. Aparentemente conformados com a exclusão social, estes moradores acompanham, participando com *palmas* das honrarias alheias. Por esta via, o bandido se torna uma imagem pública para quem, juntamente com representantes do legislativo municipal do bairro, se transfere o reconhecimento e a reputação. Salientamos que estes moradores não identificam os representantes políticos e os bandidos por uma mesma via, mas ambos se tornam, na vida do bairro, depositário de suas expectativas: os primeiros são, geralmente identificados como os que podem oferecer algum tipo de ajuda e os segundos como os que, se respeitados, são garantia da não violência como se traduz na fala comum entre os moradores “*ele aqui não aprontam*”.

O *bandido* adquirindo, pela via do medo, o status comparável a de um representante do poder público local, não é

⁶ A oposição entre liberdade e contingência é refletida pela filósofa brasileira M. Chauí, em textos diversos, dentre os quais podemos citar: Ideologia e educação. *Educação e Sociedade*, 1985.

subsumido como mais um entre o povo ou identificado como um simples morador do bairro. Ele é o perigoso, o corajoso, “*o que apronta*”. Ele rompe a rotina do bairro e tê-lo na família significa sair do anonimato e ser respeitado, ainda que pela via do medo: “*Olha a mãe do Sapão está folgando, ele vai sair da cadeia né, sabe como é?*”⁷ Respeitar aqueles que se evidenciam pelo crime é uma regra segura para manter a vida “*Estudei com o Manelino, com o Sapão e com o Sapinho. Os cara era muito folgado (...) eles entrava na classe, á noite, de óculos escuro e ninguém podia rir (...) eles ia no pátio, fazia a gente sair da sala e já vinha com conversa...*”.

Segundo Da Matta (1990, p. 151) nossa sociedade se erige sob um sistema social em que a hierarquia e a autoridade se afirmam como naturais, ao que se segue um “pacto profundo entre fortes e fracos”. A nosso ver, os sujeitos que inflacionam a lei, parecem empenhar-se numa empreitada que, ao mesmo tempo, rompe e mantém este pacto. A condição de bandido torna seus agentes diferenciados. Estes, no Jd. Vazame, são membros de famílias que, em sua maioria, percebem de 01 a 02 salários mínimos o que os situa no pacto ao qual nos referimos, como os fracos. Ser bandido, nestas circunstâncias, é um passaporte para o outro lado: entre os fracos é possível afirmar-se como forte. Cumpre-se, assim, a necessidade de reconhecimento, de fama e de glória.

Na relação entre fortes e fracos, ainda segundo Da Matta, reforçam-se as *éticas verticais*. Estas aparecem “muito mais com a perspectiva complementar de relações hierárquicas do que antagônicas” (Da Matta, 1990, p. 192). A figura do bandido, no Jd. Vazame, reafirma a divisão entre fortes e fracos – estes são os que temem e obedecem, aqueles são os que causam temor e

⁷ Este depoimento foi feito por um jovem, 21 anos, que pela faixa etária, não freqüentava a Casa da Juventude como aluno, mas os seus irmãos freqüentavam-na. Assim, ele sempre estava presente nas festas e partidas de futebol. Nesta época (1990) ele já era considerado bandido. Atualmente, está cumprindo pena em uma penitenciária do Estado de São Paulo.

transgridem—e é naturalizada no bairro aos moldes da obediência à ética vertical da qual nos fala Da Matta. Por esta via, os moradores do bairro tendem a naturalizar suas relações com os bandidos pela via da complementaridade hierárquica: —“*Quando passo na frente de um bandido eu passo na moral, devagar, sem medo*”. —“*Quando passo perto de um bandido eu sempre cumprimento*”. —“*Quando passo perto de um bandido eu dô jóia para ele e ele dá jóia pra mim como se fosse uma pessoa normal, porque são tudo bandidinho, os grande a metade morreu, outra metade foi preso ou saiu do bairro*”⁸. Os moradores do bairro respeitam o bandido e procuram estabelecer com ele uma relação passiva, mas sobretudo, sentem-se seguros quando conseguem estabelecer uma relação de proximidade.

Diante desta realidade, nossa preocupação, enquanto técnicos da Casa da Juventude, era, sobretudo, com estes adolescentes que viviam sob a vulnerabilidade entre o emprego informal e o crime, com as crianças que admiravam os irmãos já presos ou falavam empolgados sobre o último crime e o último assalto. Estas crianças e adolescentes cresciam num ambiente que cultivava, ainda que pela égide do medo, o respeito pelo bandido. Ser bandido poderia ser, no imaginário destas crianças uma forma de ser respeitado e até aplaudido. Ser bandido poderia aparecer como a forma de entrar para o mundo dos *anti*-heróis, assim como ser um *agente de higienização* (policial que mata e justiceiro) seria o acesso ao *mundo dos heróis*. Assim se cumpririam os papéis dos sujeitos, tão visíveis no mundo do desenho da TV e nas ruas do bairro do Jd. Vazame.

A “Casa da Juventude” que nós (funcionários, adolescentes e crianças) construíamos cotidianamente, tinha uma proposta básica: ser um lugar agradável onde todos poderiam se sentir acolhidos e confortados. O medo não entrava em qualquer regra

⁸ Dentre os *bandidinhos* citados pelo sujeito desta fala, hoje (10 anos após a entrevista) três estão presos, um foragido e três mortos.

do nosso regimento interno que era solidamente respeitado. O afeto era a linguagem adotada para fazer frente à violência do bairro. Por esta via desenvolvíamos atividades sócio-educativas que efetivamente rompiam o “culto à violência” e as asperezas da vida no bairro. Era possível ver em quase todas as residências, um quadro, fruto do trabalho das crianças e adolescentes, posto na parede. Poderia estar, às vezes mal acabado e mal pintado, mas era o colorido da parede cinza. Era, também, possível ver: a alegria das crianças carregando a boneca ou a toalha que fizeram, as expressões postas pelos adolescentes nas esculturas que faziam, a alegria da criança nas gincanas com tarefas a serem cumpridos por todo o bairro. Era possível ouvir os sons dos violões e as conversas animadas sobre o futebol, a dança e o teatro. Era o trabalho da Casa Juventude, uma forma de enfrentar a realidade do Jd. Vazame.

A Casa da Juventude era o espaço público do bairro no qual, paulatinamente, cresciam as decisões sobre trabalho que desenvolvíamos e decisões coletivas sobre a gestão política no bairro. Suas dependências externas eram espaço para as brincadeiras das crianças e os vigias estavam sempre prontos para oferecer água e para permitir o uso dos sanitários. Contudo, esta Casa foi identificada, por representantes do poder público que a olhavam de longe, como “um lugar onde os bandidos freqüentavam”. Seu espaço físico foi adaptado para uma creche o que dissiparia, segundo o poder público, a freqüência dos bandidos e a entrada de *peessoas estranhas* em suas dependências. O medo tornou-se imperativo até nas diretrizes políticas que se seguiram alheias à verdadeira representação do bandido como o anti-herói do bairro. Cumpriu, assim, a rotina: medo e familiaridade com o anti-herói.

Abstract

The test focuses the image analysis of the criminal in the neighborhood where he lives. It reflects about the construction of this image, via the anti-hero that he becomes, like the political local power, respect depositary of the residents. Posing in the neighborhood as an authority, the criminal becomes a model for children and adolescents who congratulate, via fear, with his fame. The understanding of this reality, is one of the premises of the social-educational work, which should include, among its objectives, the delinquency prevention.

Key words: image, social representation, criminal, anti-hero, fear.

Referências Bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. Ideologia e Educação. *Educação e Sociedade*, São Paulo, n.5, 1985.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 50.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria e poder de um estado eclesiástico-civil*. São Paulo, Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

KOWARICK, Lúcio; ANT, Clara. *Violência urbana: reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. (Debates Urbanos, 2)

VERNAT, J.P. - *As Origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.